

UNIVERSIDADE PRESBITERIANA MACKENZIE
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E LETRAS
JORNALISMO

ISABEL ROCHA

Gera Poti e o futuro do guarani

SÃO PAULO
2° Semestre / 2018

ISABEL ROCHA

Gera Poti e o futuro do guarani

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Centro de Comunicação e Letras da Universidade Presbiteriana Mackenzie como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Daniel de Thomaz

SÃO PAULO

2018

Este Trabalho de Conclusão de Curso não reflete a opinião da Universidade
Presbiteriana Mackenzie. Seu conteúdo e abordagem são de total
responsabilidade de seu autor.

Última data de modificação: 20/11/2018

Link para o vídeo

<https://youtu.be/60d-5smwTBs>

DEDICATÓRIA

Dedico este documentário a Deus, que me deu de presente 10 anos de estudos no Mackenzie.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao meu pai César, que por anos me deu carona até o colégio às 5h da manhã sem reclamar; ao meu irmão Isaiás, que estudou comigo para todas as provas de exatas no colegial; e à minha mãe Solange, que nunca me deixou um dia sem marmitta. Por esses e outros motivos, sem vocês, eu ainda estaria presa no Ensino Médio. Obrigada.

"Soy América Latina, un pueblo sin piernas, pero que camina"

Calle 13

RESUMO

À procura de conhecer mais sobre a cultura indígena no Brasil, mais especificamente em São Paulo, a estudante de jornalismo vai até a aldeia guarani no Jaraguá. Lá, em dias de aula em que a escola estava fechada, encontra Karaí, a maior estrela do documentário. Karaí e as demais crianças da aldeia inserem a jornalista em suas brincadeiras e entre eles começa uma linda troca cultural.

Palavra chave: aldeia; indígena; documentário.

ABSTRACT

Looking to learn more about indigenous culture in Brazil, more specifically in São Paulo, the journalism student goes to the Guarani tribe in Jaraguá. There, on school days when the school was closed, she finds Karáí, the documentary's greatest star. Karáí and the other children of the native tribe insert the journalist in their child's play and between them begins a beautiful cultural exchange.

Keywords: village; indigenous culture; documentary.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 REFERENCIAL TEÓRICO	14
2.1 EDUCAÇÃO INDÍGENA.....	14
2.2 CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO	14
3 DESENVOLVIMENTO DA PEÇA	16
3.1 METODOLOGIA DA EXECUÇÃO E MATERIAIS.....	16
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	18

1 INTRODUÇÃO

A presença dos indígenas no Brasil vem muito antes da ocupação dos europeus nas Américas. Segundo dados da FUNAI (Fundação Nacional do Índio), de 1500 à década de 1970, a quantidade de índios no país decresceu muito e acreditava-se que essa queda brusca era inevitável. No entanto, a partir do final da década passada, o contingente de brasileiros que se consideravam indígenas cresceu 150%. De acordo com o Censo Demográfico feito pelo IBGE em 2010, a população indígena brasileira atualmente é de 817.963 indígenas, sendo que 502.783 vivem na zona rural e 315.180 vivem em zonas urbanas brasileiras. Ainda de acordo com o Censo do IBGE, foram registradas, também, 274 línguas indígenas no país, sendo que cerca de 17,5% da população não tem conhecimento da língua portuguesa (INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA-IBGE, 2012).

Concomitantemente ao processo de colonização dos portugueses no Brasil, começaram as primeiras experiências de escolarização no país, no século XVI, com os Jesuítas. Os padres Jesuítas faziam parte da Companhia de Jesus, que veio ao Brasil em 1549 para cristianizar as populações indígenas.

Ferreira (2001, p. 72) salienta que:

A história da educação indígena pode ser dividida em quatro fases. A primeira esteve a cargo exclusivo de missionários católicos (notadamente, jesuítas); A segunda é marcada pela criação do SPI (1910), estendendo-se à política de ensino da FUNAI e às suas articulações com o Summer Institute of Linguistics (SIL) e outras missões religiosas. A terceira fase originou-se durante a ditadura militar, nos fins dos anos 70, e se deveu a iniciativas de movimentos indígenas, com caráter emancipatório, tanto no que diz respeito aos direitos de território como à educação. No processo, há também a considerar a atuação das organizações indígenas não governamentais. Uma quarta fase prolonga-se a partir da década de 80, quando os povos indígenas decidem definir de autogerir os processos de educação formal.

Em 1991, foi estabelecido o Decreto Federal nº 26/91 que atribuiu ao Ministério da Educação a competência para coordenar a Educação Indígena, por meio de ações desenvolvidos pelas Secretarias de Educação dos Estados e Municípios (BRASIL, 1991). Segundo Campos, Gomes e Godoy (2016) as Resoluções do CNE/CEB estabeleceram de 1999-2003 a valorização da cultura dos povos indígenas por meio de um ensino bilíngue e a formação de professores indígenas capazes de lecionar aos infantes.

Só em 2004, a então prefeita de São Paulo Marta Suplicy inaugurou o terceiro CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena) no Pico do Jaraguá, zona norte da

cidade, após a inauguração de dois outros Centros nas aldeias Guarani Tenondé Porã e Krukutu. A construção deste centro de educação foi reivindicada pelos próprios índios e após terminada, cerca de 70 crianças de até cinco anos passaram a ter aulas de guarani na Tekoa Pyau, única aldeia do Jaraguá que possui água encanada. Há 14 anos o CECI funciona na aldeia. Depois de completar 6 anos, as crianças são encaminhadas para um colégio público de Ensino Fundamental I na cidade de Pirituba, onde iniciam seus contatos mais fortes com a língua portuguesa (SANTOS 2016).

O documentário, com viés humanizado, se propõe a investigar a situação atual da educação no CECI para compreender: Como funciona o ensino do guarani para crianças de 0-5 anos na aldeia Tekoa Pyau; Como está organizado o ensino básico na aldeia para preparar os índios para a Ensino Fundamental em escolas públicas; O que a criança indígena espera do seu futuro e do futuro da sua aldeia.

Para entender melhor a situação da aldeia, procurar-se-á, também, trazer o olhar da criança indígena, como o português está inserido em seu vocabulário e qual a perspectiva delas para seu futuro e o futuro da aldeia. Esse olhar da criança será importante para montar uma previsão do que será a presença do índio no Jaraguá no futuro.

A execução do documentário terá como referência o trabalho do cineasta Patrício Guzman, *O Botão de Pérola* (2016). No longa-metragem o documentarista traz, por meio das histórias que se passaram no oceano, as vozes de indígenas da Patagônia e outras. A obra de Guzman servirá como referência nas entrevistas com os índios, trazendo a realidade de Tekoa Pyau e proporcionando a reflexão crítica dos espectadores.

A pesquisa teórica incluirá um levantamento bibliográfico sobre o gênero documentário investigando as características principais da linguagem audiovisual de não ficção e as especificidades da obra de Patrício Guzman.

Essa investigação que o documentário se propõe a fazer traz, em suma, a presença do Jornalismo Social, o qual, segundo Lobo (2013) destaca que o redator, com seu trabalho, tem ainda mais influência sobre a população do que um escritor de livros, porque o ser humano reflete aquilo que consome. Portanto, se ele consumir uma narrativa com o olhar humanizado sobre determinado assunto, absorverá esse ponto de vista para si.

Deste modo, o trabalho com um viés humanizado de Tekoa Pyau, uma vez visto pelos espectadores, poderá trazer à educação na aldeia um novo olhar e possibilidades de transformação no ambiente.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 EDUCAÇÃO INDÍGENA

Na cultura indígena, o cuidado com as crianças é uma ação de toda a aldeia, tanto dos pais, quanto dos mais idosos da tribo e das próprias crianças. Os primeiros contatos do bebê na aldeia Tekoa Pyau, é com o Guarani. Do ensino dos pais, a criança vai para a educação no CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena), em que aprende, além do idioma, as bases de sua cultura e sobrevivência.

A partir dos 6 anos, a criança indígena passa por uma ruptura, saindo da educação do CECI com professores da própria aldeia que é feita, boa parte, em guarani, e entrando no Ensino Fundamental I, no colégio público das redondezas. As aulas em guarani são substituídas por aulas em português e os alunos têm de acompanhar o ritmo de outros com famílias que naturalmente falam o português. De acordo com a Resolução SE 73, de 29/12/2014 da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, o sistema educacional estadual deve atuar por meio da Progressão Continuada. Ou seja, os alunos passam por avanços sucessivos, organizados em três ciclos, que são: O de Alfabetização (1º ao 3º ano); O Intermediário (4º ao 6º ano); O Final (7º ao 9º ano). Como não há reprovação, ao término de cada ciclo é oferecido uma recuperação intensiva.

Deste modo, ainda que a criança indígena não acompanhe seus colegas de classe, ela passará para a série seguinte. No entanto, muitos deles não continuam o colégio depois de atingirem o Ensino Fundamental II ou o Ensino Médio e aqueles que logram completar o Ensino Básico, não seguem para cursos superiores.

2.2 CARACTERÍSTICAS DO GÊNERO DOCUMENTÁRIO

O filme documental é uma afirmação de uma realidade existente no mundo retratada por uma narrativa composta por imagens, seja de animação ou de câmera, carregadas de sons, seja de música ou fala (ainda que no começo, os documentários tenham sido mudos).

Segundo Pessoa Ramos (2008, p. 22):

Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada, através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados.

A proposição do documentário, conforme Pessoa Ramos (2008), pode ser enunciada em 4 tipos de estilos que variam historicamente. (1) Até os anos 50, o gênero seguia o estilo denominado locução fora de campo, que narrava a realidade documentada por meio da "voz de Deus". (2) Já a partir dos anos 60 e com a aparição do cinema direto (representação da realidade tal qual ela é), houve a necessidade da exposição de diálogos. (3) Por sua vez, o documentário contemporâneo segue a tendência da primeira pessoa, ou seja, o diretor participa da peça e os depoimentos caminham na sua linha de raciocínio. (4) E por último, o documentário contemporâneo clássico possui a presença da locução fora de campo, usada nos anos 50, com apoio de depoimentos, entrevistas, diálogos ou até arquivos de filmes, para ilustrar a narrativa.

O filme documental, segundo Bill Nichols (2005), pode também ser ficcional. Ele divide-se em dois tipos: os que são feitos para satisfação de desejos; e os que são uma representação social.

O estilo de satisfação de desejos é normalmente chamado de ficção. Esses filmes expressam desejos, sonhos, pesadelos ou terrores. A transmissão da realidade é estritamente opcional ao diretor. Já os documentários de representação social, também conhecidos como não-ficção, representam pontos de vista novos de um mundo já conhecido. A força do documentário é tamanha, de forma que é possível encorajar crenças por meio da asserção de imagens e da retórica usada. Ou seja, as imagens tornam-se uma ferramenta importante para a força do argumento que afirma seu propósito social (NICHOLS, 2005).

3 DESENVOLVIMENTO DA PEÇA

Tendo em vista o objetivo do documentário, que é retratar a realidade da criança guarani da tribo indígena Tekoa Pyau, no Jaraguá, houve a necessidade de contatar um órgão que pudesse direcionar o melhor contato dentro da aldeia. A Capelania do Colégio Presbiteriano Mackenzie, que constantemente promove trabalhos voluntários com as crianças das aldeias do Jaraguá forneceu o contato do CECI (Centro de Educação e Cultura Indígena).

Desde então, as visitas na aldeia deram um parecer da situação da educação guarani na aldeia Tekoa Pyau, no Jaraguá. Durante um primeiro momento, foi feito um contato com os responsáveis legais do Ministério da Educação para estabelecer uma confiança, mas a autorização foi dada informalmente pelo Cacique da aldeia, que se recusou a assinar qualquer documento, mas possibilitou as gravações e as participações nas atividades das crianças.

A escolha de abordar o tema no formato de documentário foi o princípio de estudos de abordagens da situação dos guaranis no Jaraguá. Houve um estudo sobre o gênero documentário com base nos livros *Introdução ao Documentário* (2005), de Bill Nichols e, *Mas afinal... o que é mesmo documentário?* (2015), de Fernão Pessoa Ramos.

O olhar da criança, no documentário, foi usado como modo de fazer uma previsão para o que será o futuro da aldeia Tekoa Pyau no Jaraguá. Tendo como base o trabalho do diretor Patricio Guzmán em *O botão de pérola* (2016), foram escolhidas crianças da mesma aldeia para traduzir palavras do guarani para o português e vice-versa, como um modo de demonstrar ao espectador se as línguas têm caminhado juntas. O olhar das crianças também foi usado para saber o que elas querem para o seu próprio futuro, em contra partida do futuro político do próprio país.

3.1 METODOLOGIA DA EXECUÇÃO E MATERIAIS

Ao longo de 10 meses, foram feitas visitas na aldeia para um contato maior com os responsáveis pelos órgãos da educação e com o cacique. A partir de então, começaram as gravações. Foram 5 visitas para ver as aulas, mas apesar de terem sido feitas em dias semana, em nenhuma delas foi possível encontrar aulas. Para as gravações do documentário, foi utilizada, inicialmente, uma câmera Nikon D-5300 e no último dia de gravações, uma Nikon D-7200.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O documentário se propôs, inicialmente, a entender como funcionava a educação dos índios guaranis no Jaraguá por meio de conversas com as crianças. Apesar das aulas não ocorrerem, como resultado, foi possível uma ampla experiência no cotidiano das crianças e imersão na cultura indígena da aldeia.

Além da falta de aulas, a situação da aldeia é preocupante. Constantes manifestações dos índios buscam reivindicar o espaço que é considerado como seu. A ideia final do documentário foi mostrar como as crianças permanecem despreocupadas com o próprio futuro enquanto não se sabe o que será decidido a seu respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANGELO, Cláudio. **A língua do Brasil**. Revista Superinteressante, São Paulo, 2016. Disponível em: <https://super.abril.com.br/cultura/a-lingua-do-brasil/>. Acesso em: 24 mar. 2018.

BRASIL. Decreto nº 26 de 4 de fevereiro de 1991. Dispõe sobre a educação indígena no Brasil. **Diário Oficial da União**, Brasília, DF, 5 fev. 1991. Seção 1, p. 2487.

CAMPOS, Alzira Lobo de Arruda; GOMES, Maria Helena Scalabrin Cardoso Gomes; GODOY, Marília Gomes Ghizzi. Representações míticas e produção de conhecimentos: a criança (Kyringue) Guarani Mbya e os CECIs. **Educação & Linguagem**. São Paulo, v. 19, n. 2, p. 41-62, jul./dez. 2016.

DE MASI, Domenico. **O futuro chegou**. São Paulo: Leya Brasil, 2013. 855 p.

FARIA, Thiago. **Marta chora ao visitar aldeia e diz que Kassab abandonou os índios; prefeito nega**. Folha de São Paulo. São Paulo, 22 de agosto de 2008. Disponível em: <<http://m.folha.uol.com.br/poder/2008/08/436863-marta-chora-ao-visitar-aldeia-e-diz-que-kassab-abandonou-indios-prefeito-nega.shtml>>. Acesso em: 5 mar. 2018.

FERREIRA, Mariana Kawall Leal. A educação escolar indígena: um diagnóstico crítico da situação no Brasil. In: LOPES DA SILVA, Aracy; FERREIRA, Mariana Kawall Leal. (Orgs.). **Antropologia, história e educação: a questão indígena e a escola**. São Paulo: Global, 2001. p.71-111.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). Censo 2010: população indígena é de 896,9 mil, tem 305 etnias e fala 274 idiomas, 2012. Disponível em: <https://censo2010.ibge.gov.br/noticias-censo?busca=1&id=3&idnoticia=2194&t=censo-2010-poblacao-indigena-896-9-mil-tem-305-etnias-fala-274&view=noticia> Acesso em: 24 mar. 2018.

LOBO, Tiago. **Sobre o papel social do jornalismo**. Observatório da Imprensa. Porto Alegre-RS, 23 abr. 2013. Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/feitos-desfeitos/ed743_sobre_o_papel_social_do_jornalismo/> Acesso em: 03 nov. 2017.

MACEDO, Valéria. **Inaugurados dois Centros de Educação e Cultura Indígena nas aldeias Guarani de Parelheiros (SP)**. Socioambiental. São Paulo, 01 de junho de 2004. Disponível em: <<https://site-antigo.socioambiental.org/nsa/detalhe?id=1760>>. Acesso em: 5 mar. 2018

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução: Mônica Saddy Martins. Campinas: Papyrus Editora, 2005. 270 p.

PESSOA RAMOS, Fernão. **Mas afinal... o que é mesmo documentário?** São Paulo: Editora Senac, 2008. 406 p.

SANTOS, Chirley Maria de Souza Almeida. **O Centro de Educação e Cultura Indígena (CECI) da aldeia Tekoa Pyau (Jaraguá – São Paulo/SP): a cultura Guarani na escola de educação infantil e a atuação dos educadores indígenas**. 2016. 107 f.

Dissertação (Mestrado em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, História, Política e Sociedade. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2016.

SECRETARIA DA EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO. Resolução SE 73, de 29 de dezembro de 2014. Dispõe sobre a reorganização do Ensino Fundamental em regime de Progressão Continuada e sobre os mecanismos de apoio escolar aos alunos dos Ensinos Fundamental e Médio das escolas estaduais. **Diário Oficial**, Poder Executivo, São Paulo, 30 dez. 2014. Seção 1, p. 43.

SOUSA, Rainer. **A ação dos padres jesuítas no Brasil**. Mundo Educação. Disponível em: <<http://mundoeducacao.bol.uol.com.br/historiadobrasil/jesuitas.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2018.

SOUSA, Rainer. **Índios no Brasil**. Brasil Escola. Disponível em <<https://brasilecola.uol.com.br/historiab/indios-brasil.htm>>. Acesso em: 24 mar. 2018.